

AMOR POR AMOR

De todas as tarefas em que temos participado, no Centro Espírita que frequentamos, a que mais nos toca, sem qualquer espécie de dúvida, é a mediúnica. Podermos darmos-nos a quem não conhecemos nem nos conhece, apenas por ‘sentirmos’ que quem ali está é um irmão necessitado de auxílio que, por nosso intermédio, poderá sentir algum alívio, é das coisas mais gratificantes que nos têm acontecido desde que ‘descobrimos’ a Doutrina dos Espíritos.

E nas nossas ‘recordações da mediunidade’ – parafraseando o título de Ivone Amaral Pereira – lembramos o primeiro caso de desobsessão em que colaborámos, quando os dirigentes do Centro tinham regressado todos a Portugal e o trabalho do Centro se fazia com aqueles que, até então, éramos aprendizes.

Mas, houve necessidade, compusemos o grupo, e o trabalho iniciou-se – uma vez por semana, e sob a orientação do querido Mentor Bezerra de Menezes. Mas a entidade, ou era extremamente indiferente ou, então, as palavras do doutrinador não a conseguiam tocar... Isto mesmo ele sentiu, talvez, na 4ª semana, interrompendo o esclarecimento que fazia com a voz embargada pelas lágrimas que lhe começaram a inundar os olhos e a correr ao longo do rosto.

No primeiro momento, a entidade mostrou-se surpreendida; depois, curiosa, perguntou por que chorava ele. E ouvindo a resposta de que chorava porque não conseguia encontrar as palavras necessárias para o ajudar, para o fazer compreender da necessidade do perdão que o libertaria do sofrimento em que se encontrava, interrogou ainda:

- Mas, então, tu gostas de mim? Tu és meu amigo?!...

E compenetrada de que assim era, de que todos estávamos ali por querermos que deixasse de sofrer, foi fácil, nas vezes seguintes, terminar a tarefa linda a que meteramos ombros: se, de cada vez que chegava, as suas primeiras palavras eram para perguntar pelo seu amigo, vários meses depois, quando já quase estava esquecido este caso, ela apareceu-nos, numa reunião mediúnica de esclarecimento, numa psicografia singela de criança que começa a esboçar as primeiras letras, com a mesma pergunta de então:

- Está aí o meu amigo?

Era só a identificação; falando com o doutrinador, feliz pelo momento que vivia, contou que ia voltar a reencarnar e tivera permissão de comparecer a este encontro para agradecer e despedir-se...

Tantos anos já passaram desde então e, por vezes, parece-me ainda escutar a sua vozita, naquele apelo de quem pede o apoio que lhe falta para não voltar a sossobrar:

- Está aí o meu amigo?...

*

Aprendemos, há muitos anos, que o amor faz milagres... Parece-nos, no entanto, que o milagre maior (para nós, que sabemos que o milagre não existe), o milagre maior é o que acontece quando se vivencia o amor – não o amor paixão, que tantas vezes conspurca a própria palavra, mas o amor Amor, amor afecto, amor sentimento, amor – capaz de tudo dar sem a preocupação de nada receber em troca.

Quando assim acontece, ainda que inconscientemente lembramo-nos logo de Jesus e do seu Amor pela Humanidade – aquele Amor com que se doou totalmente, mesmo sabendo que não era compreendido; e a sua recomendação – o seu único mandamento – “*Amem-se uns aos outros como Eu vos amei*” foi capaz de arrostar com todas as vicissitudes surgidas ao longo dos séculos e chegar ao HOJE, com a mesma verdade e sinceridade de então!

Há tempos atrás, numa carta que escrevíamos para alguém que nos procurara, sem que nos conhecessemos, aconselhámos intuitivamente para quem gritava a solidão e incompreensão dos que a rodeavam : ‘dá amor, ainda que em troca de nada...’, e esta frase, tão simples de redigir, ficou a marcar-nos também a nós... Ao longo dos anos, no contacto com uns e com outros, aconselhando, orientando, escutando ! (quantos não precisam de ter alguém que os escute!), estas palavras ficaram como norma de conduta também para nós... e se a neve do Tempo e da idade hoje já tornou a nossa cabeça toda branca, como reconhecemos a felicidade que sentimos de cada vez que nos doamos, dando amor!

Por vezes, como uma objecção a algo que dizemos, escutamos que o amor não pode dar-se de qualquer maneira... que é preciso dimensioná-lo... equacioná-lo... para que não seja distribuído nem a mais nem a menos! E nós, que sabemos como o Amor é capaz de vencer o ódio, o egoísmo, a inveja, o ciúme, pensamos então que, se quem governa um País amasse mais, com certeza que haveria muito menos guerras, fome, miséria!

Quando o homem for capaz de sobrepor, aos interesses materiais, o do bem estar do próximo – bem mais importante - a felicidade entre os povos será muito maior, porque edificada com a argamassa da tolerância e da compreensão e, onde elas existem, deixa de haver ocasião para o perdão porque amar é tudo aceitar, tudo compreender, tudo perdoar!

Podem ser eliminadas as barreiras da língua, as fronteiras que delimitam os países, mas enquanto o homem não derrubar a barreira maior que ergueu no seu próprio coração e, no seu lugar, não deixar que desabroche sempre mais esse sentimento maravilhoso que Deus deixou em nós no momento da Criação – o sentimento do Amor -, enquanto assim não fizer, ele sentir-se-à sempre inseguro e infeliz, em busca de qualquer coisa

que não consegue identificar mas que, afinal, é tão simples de encontrar: o calor do Amor em si próprio, por si e pelos outros... por toda a Humanidade!

MANUELA VASCONCELOS

Lisboa, Portugal, 31 de Outubro de 2004.